

LITERATURA DE MINORIAS: UMA PROPOSTA REFLEXIVA A PARTIR DO “TERRORISMO LITERÁRIO”, DE FERRÉZ

Tatiane Vaz

Eliezer Pandolfo da Silva

Patrícia Crespan Mantelli

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar estudos sobre o fenômeno da Literatura Marginal, sua origem, características e principais personagens, apresentar a história e biografia de um dos principais nomes deste movimento, Reginaldo Ferreira da Silva, Ferréz, criador, incentivador e ativista do movimento artístico e literário marginal. Também tecer considerações acerca do texto terrorismo Literário de Ferréz publicado no livro Literatura Marginal e na Revista Caros Amigos no ano de 2005, sendo considerado um dos principais manifestos da literatura marginal do movimento literário da periferia.

Palavras-chave: Literatura marginal; Ferréz, Terrorismo Literário.

INTRODUÇÃO

O crescente interesse e aparecimento da Literatura marginal no cenário da crítica literária e artística brasileira, a luta constante pelos direitos de igualdade social, de reconhecimento desta produção literária, a ascensão dos artistas e escritores da periferia, e a ampliação das fronteiras literárias nacionais e internacionais no mundo da escrita, tornou esta pesquisa ainda mais interessante, produtiva e necessária. A literatura marginal, assim como as demais produções artísticas advindas das periferias das grandes metrópoles, tem ganhado espaço e reconhecimento cada vez maiores em meio a sociedade elitizante em que estamos inseridos no mundo contemporâneo.

Trata-se de produções artístico-culturais provenientes da vida e das experiências de pessoas, artistas anônimos, que vivem às margens da sociedade e da elite. São cidadãos comuns que viram na escrita literária uma excelente maneira de expressar suas angustias, anseios, críticas e manifestações por meio da escrita e da imagem. Pessoas como Reginaldo Ferreira da Silva, nascido e criado na periferia de São Paulo, que viu na arte e

na escrita a melhor e mais eficaz forma de mostrar para as pessoas a realidade de quem vive na periferia. Ferréz é o principal nome deste movimento literário e juntamente com outros artistas levam a arte e a literatura marginal para além das fronteiras do país.

Seu texto *Terrorismo Literário* é um dos mais importantes manifestos da literatura marginal, sendo considerado pela crítica literária uma produção cultural muito importante. É um texto que traz questionamentos, críticas, afirmações de quem está inserido na vida dos marginalizados, de quem luta para que a arte da periferia seja também reconhecida e aceita no cenário literário canônico. É uma escrita forte, com linguagem simples, usa gírias e linguajar característico das pessoas que moram nas favelas. A leitura, análise e compreensão deste texto proporciona ao leitor uma maior aproximação com a realidade marginal, com as produções artísticas da periferia, e é uma ótima oportunidade de ampliar conhecimentos e de produzir novos conceitos, de valorizar a cultura e a arte de uma parte importante do Brasil. E é com este propósito que esta pesquisa se sustenta.

A LITERATURA MARGINAL

Surgida em meados dos anos 70, a literatura marginal aponta no cenário linguístico das escritas sendo composta por obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial. Eram obras consideradas opostas ou não pertencentes aos cânones estabelecidos, ou seja, era a literatura à margem da literatura oficial, da classe dominante. Foi assim denominada pela crítica literária, pois como afirma BATISTA 2005, p.01, “esses poetas não adotaram esse nome para si, estavam produzindo seus textos, pinturas e afins, à margem do mercado editorial formal, suas obras eram distribuídas por meio de livretos mimeografados, camisetas, *cartoons*, etc.”

Essa literatura é originária das periferias das grandes metrópoles brasileiras, mais especificamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde a concentração da população marginalizada é muito maior. O termo marginal remete à uma característica que define claramente a realidade de um determinado grupo de pessoas. Não são os marginais no termo quando usado para designar bandidos, traficantes, como estamos habituados a ver e ouvir, trata-se de pessoas que vivem à margem, da sociedade, da qualidade de vida, da saúde, educação, do acesso, da igualdade. A própria localização e o ambiente onde vivem caracteriza essa marginalidade, estão fora, do lado de fora, a cerca de, na margem, às margens das cidades, vivendo e sendo à margem de tudo.

Estudos apontam para o fato de que o uso do termo marginal, tem se tornado muito frequente nos campos do conhecimento humano, e isso tem levado à muitos problemas pela sua falta de precisão de cientificidade em sua definição, o que provoca inúmeros questionamentos sobre o que é mesmo marginalidade. Contribuindo com esse entendimento PONGE s a, p.123. afirma:

Para começar, a marginalidade não é uma categoria científica. Na sociologia, tem-se como categoria científica, as classes. Assim, na nossa sociedade, temos as classes fundamentais (burguesia e proletariado), as classes intermediárias, como também o lumpen-proletariado, etc. E os marginalizados onde ficam? Frequentemente são definidos como aqueles que não participam da sociedade de consumo, mas isso é um critério que realmente não satisfaz cientificamente.

Sendo assim, essa produção literária chamada marginal ou literatura marginal, traz enraizadas em seus textos características da vida destas pessoas que vivem à margem da sociedade elitizante. Assim como quem as escreve, as histórias retratadas ali são de pessoas que moram nestes locais, que vivem no seu dia-a-dia os problemas, as dificuldades, as mais diferentes situações que só quem vive assim desta maneira conhece. Os poetas marginais, são escritores advindos desta realidade, e por isso é que seus textos são tão ricos em detalhes e sutilezas, pois saem daqueles que não só escrevem sobre marginalizados, mas que também o são.

Dentre as características desta nova literatura, que pode-se até dizer “descolada”, pode-se mencionar o fato de os textos serem como relatos de vida, e não histórias inventadas e ou imaginadas. São fatos, situações, história reais, experiências, críticas, angustias, apelos, ideias, pensamentos, a realidade escrita com palavras, e com forte apelo visual com imagens em foto, pintura e desenho. É um movimento literário que vem não para mudar conceitos, mas sim para amplia-los, para enriquece-los, contribuindo para uma nova visão de mundo, de cultura, de sociedade brasileira.

O movimento não insiste tanto na renovação das formas estéticas, mas propõe uma mudança nas próprias práticas culturais, nos modos de conceber a cultura fora de parâmetros sérios e eruditos, como atitude crítica à ordem do sistema. OLIVEIRA, 2011 p. 01.

Os escritores marginais trazem para o campo literário os termos, os temas e o linguajar igualmente marginais, é uma produção literária que visa expressar o que é peculiar aos espaços marginais, especialmente à periferia e seu linguajar, suas gírias, valores e praticas comuns. NASCIMENTO 2007, contribui:

É importante considerar, diante das diferentes abordagens, que “literatura marginal” se tornou uma rubrica ampla que abrange a inserção dos escritores no mercado editorial, as características dos produtos literários, um tipo de atuação literária-cultural, ou ainda, a condição social do escritor. Entende-se, então, que por forjar diferentes manifestações, “literatura marginal” confirmou-se numa categoria analítica que pode ser ajustada em estudos de bibliografias isoladas ou de grupos de escritores cujas trajetórias literárias estão organizadas em torno da expressão. NASCIMENTO, 2007; p. 20.

Entendendo essa manifestação como um produto cultural formador ou ao menos produtor de reflexão, a literatura marginal afirma-se no cenário literário como uma importante ferramenta de construção de conhecimento, de representação literária diferenciada das canônicas. A linguagem simples e coloquial, com gírias, imagens, transforma a leitura, cria um novo e instigante ambiente, produz novos e diferentes significados. A empatia de tal literatura se deve muito ao fato de que as histórias ali contadas são muito semelhantes a situações reais, que todas as pessoas já viveram, ou que pelo menos se identificam. São histórias fictícias porém baseadas e inspiradas em fatos e pessoas reais. Os personagens dos enredos são pessoas que vivem na favela, na periferia, sujeitos marginalizados pela situação social, pela moradia, pela vida. Suas trajetórias muito se parecem com a trajetória de muitos, e essa identificação acontece quando ao ler, o indivíduo se “sente”, se imagina, relembra, se vê na mesma situação. As vezes nem sempre essa empatia é somente pela identificação com tais situações, mas também por narrar fatos que, não sendo do dia-a-dia de alguém, torna a leitura curiosa e instigante, pois conhecer outras realidades também é uma forma de produção de cultura e conhecimento.

Dito isso, constata-se que o espaço está sendo conquistado. A literatura marginal está cada dia mais presente, mais vista, mais interessante. O fato de alguns escritores marginais terem ganhado prêmios, terem sido mais requisitados nos palcos das produções literárias e artísticas em geral, esse reconhecimento, essa maior aparição e maior prestígio faz com que os horizontes e as fronteiras entre a literatura marginal e a literatura canônica se estreitem, tornando possível o acesso mais facilitado a esse conteúdo. A mundo contemporâneo das comunicações, as possibilidades tecnológicas, o estreitamento e aceitação do novo, faz com que essa aproximação aconteça de maneira mais natural e significativa.

Contudo, o fenômeno da globalização amplia as possibilidades de trocas culturais, tornando instáveis as fronteiras. A facilidade de múltiplas interações, pelos fluxos migratórios ou de informações do mundo contemporâneo,

desequilibram as relações entre centro e periferia, uma vez que os espaços geográfico, social e cultural resultam de processos de hibridização e desterritorialização, para usarmos as expressões a partir das quais Nestor Canclini analisa as transformações das culturas contemporâneas (2008, p. 309) APUD OLIVEIRA 2011. P.32

As contribuições para o universo literário são inúmeras, além da ampliação do rol textual, amplia também os temas, os assuntos, a maneira de trazer e de trabalhar com a linguagem, não só escrita, mas também falada e ouvida. É neste cenário novo, atrativo e desafiador, que se destacam os artistas periféricos, pessoas comuns que viram na arte da escrita e também nas outras artes, a possibilidade de trazer e fazer o novo, o diferente, de expressar suas angústias e suas críticas de maneira que possam ser ouvidas e entendidas. Esses poetas da periferia são sujeitos imbricados com a vida e a sociedade marginal, o que dá as suas produções o tom diferenciado de qualidade e veracidade. Cita-se como representantes deste movimento; Sergio Vaz, Sacolinha, Alan da Rosa, Dinha, Rose da Coperifa, e Ferréz, o mais importante nome da literatura e arte marginal.

O POETA MARGINAL, HISTÓRIA E CRONOLOGIA

Reginaldo Ferreira da Silva, pseudônimo Ferréz, nasceu em 29 de dezembro de 1975, no bairro Cantinho do Céu, próximo ao jardim Capelinha, zona sudoeste de São Paulo. Mudou-se para o valo velho e logo em seguida definitivamente para Capão Redondo, bairro da periferia da cidade. Em sua trajetória escolar, Ferréz nunca foi um aluno muito dedicado, tendo reprovado na primeira e na segunda série, tirava somente a nota necessária, não gostava de estudar e nem de ir à escola. Para ele a matéria era compreendida em menos de 20 minutos, e o restante era, segundo ele “era discurso no vazio”.

Sua adolescência passou em uma vida simples com a família humilde e trabalhadora. Ele mesmo, nesta fase, trabalhou muito, como entregador de pães, balconista, auxiliar geral, arquivista, vendeu vassouras, pintou paredes, fez reformas pequenas, foi auxiliar geral em uma metalúrgica, e trabalhou em padaria. No ano de 1995 trabalhou na empresa Etica Manpower, a qual mais tarde financiou seu primeiro livro: *Fortaleza da desilusão*.

Em parceria com um amigo chamado José Carlos, Ferréz compra cinco camisetas e nela estampa a frase: “Roupas de Rua”. E com essa ideia montou sua primeira loja na garagem de sua casa, porém os rendimentos, na maioria das vezes, não cobriam os custos, o que fez com que seu amigo desistisse do negócio. Entra em cena então Fabio, “o Cebola”, que também não permaneceu na sociedade muito tempo pelos mesmos motivos de José. Assim, em pouco tempo o negócio faliu. Ferréz foi então trabalhar em um site, e deste trabalho conseguiu juntar uma grana com a qual reabriu seu tão sonhado negócio, a loja de roupas. Depois de reaberta a loja, Ferréz cria o 1DASUL, que de acordo com Ferréz 2005, s p, apud SANTOS, “o nome vem da ideia de todos sermos 1, na mesma luta, no mesmo ideal, por isso somos todos 1, pela dignidade da Zona Sul.” O objetivo principal do poeta era transformar esse slogan em uma marca registrada de e para a periferia, o Capão Redondo.

No ano de 2000, Reginaldo lança o livro *Capão Pecado*, que o despontou no cenário da literatura tornando-o referência e objeto de estudo sobre marginalidade no mundo todo, o que de certa forma abriu caminho para outros escritores da periferia que assim como ele, trouxeram em seus romances uma realidade um pouco diferente sobre a vida. Sabe-se que devido a uma forte enchente que inundou toda sua casa, parte deste livro se perdeu, e por este e outros motivos, o livro levou mais de 4 anos para ficar pronto. Também contribuíram para este atraso situações onde envolviam os personagens reais das histórias, onde era inspirados os personagens fictícios. Alguns morreram, outros mudaram-se, fazendo com que o artista tivesse que por muitas vezes mudar e adaptar suas histórias, modificando-as inclusive nas suas sequencias.

Ferréz começa a escrever para a revista *Caros Amigos*, publicando artigos, textos, narrativas, crônicas até o final do ano de 2010. E com este trabalho recebeu convite para publicar no site *El Foco No.com* e *Le Monde Diplomatique Brasil*. Foi por meio desta revista que o poeta projetou a revista *Literatura Marginal*, que foi publicada em três volumes nos anos de 2001, 2002 e 2004, com colaboração de muitos escritores também iniciantes, com histórias e experiências da vida da periferia urbana e da vida marginal. Ficando assim conhecido como representante principal deste movimento literário, de nova filosofia, de nova linguagem, de novos autores.

(...) eu sempre fui chamado de marginal pela polícia e quis fazer como o pessoal do hip hop que se apropriou de termos que ninguém queria usar. Já que eu ia fazer a minha revista maloqueira, quis me autodenominar marginal. Eu fiz como os rappers, que para se defenderem da sociedade, aceitam e usam os

termos 'preto' e 'favelado' como motivos de orgulho. Depois surgiu a revista [Caros Amigos]. (FERRÉZ apud NASCIMENTO, 2009, p. 43-44)

Esse seu trabalho possibilitou uma projeção social em nível nacional da periferia Capão Redondo, pois o autor escreve sob a perspectiva de quem vive, de quem está dentro daquela realidade, o que diferencia muito sua fala daqueles escritores que escreviam sobre a favela, sobre a vida e sobre seus moradores, que buscavam compreendê-la estando fora desta realidade. O escritor marginal tem uma perspectiva muito diferente, é totalmente outra, pois ele escreve o que vive, o que sente, pelo que passa, ele cria com base na sua própria experiência de vida, no que vê e sente todo dia, isso transmite uma verdade e uma sensibilidade muito maior.

De acordo com SANTOS (2005), Reginaldo Ferreira da Silva, recebeu no ano de 2002 um prêmio da Associação Brasileira Paulista de Críticos da Arte (APCA) de melhor projeto de literatura de 2001, pela sua revista *Literatura Marginal*, o que fez com que a distância entre os universos literários oficiais e marginais diminuísse consideravelmente, sendo reconhecido em meio ao movimento formador de opinião da literatura brasileira. Sua constante e incansável busca por evolução o fez escolher por uma troca de editora, optou pela *Objetiva* em vez da *Labortexto*, lançando-se assim no mercado mundial. Um detalhe muito interessante da carreira deste artista é que mesmo em meio a tanta produção literária, a sua carreira de músico escritor não ficou de lado. Ele lançou em 2002 um CD intitulado *Determinação*, onde uma das músicas, JUDAS, concorreu a prêmios pela rede de televisão MTV como melhor videoclipe de *rap* de 2003.

O seu livro *Manual prático do Ódio*, de 2003, foi lançado e logo caiu nas graças da crítica literária dividindo-a, pois tratava-se de um livro com escritas e histórias extremamente violentas. Este juntamente com *Capão Pecado* rendeu diversas indicações a prêmios literários, como por exemplo o *Guggen Foundation*, indicado por Norman Gal. Participou ainda em muitos outros eventos e atividades, foi roteirista do programa “*Cidade do Homens*” da Rede Globo, publicou na revista *Jungle Drums* o conto “*O Plano*”, realizou muitas palestras ao lado de autoridades como Marçal Aquino e Paulo Lins em escolas e ONGS pelo Brasil, participou ainda da Feira Internacional de Literatura em Parati.

Devido a constante movimentação e desenvolvimento tecnológico principalmente da internet, o poeta paulista conheceu o que seria mais uma de suas importantes

ferramentas de comunicação e publicação, o Blog. De início não acreditava muito que pudesse dar certo e que seria pouco acompanhado em seus pensamentos e poemas por este meio, porém logo constatou que estava redondamente enganado. Além de ampliar ainda mais seu reconhecimento e expandir suas fronteiras o Blog permitiu uma constante atualização do artista com o mundo e ainda mais com a periferia, pois exigia dele maior compromisso e responsabilidade não só como poeta, escritor e artista mas também como cidadão, morador, integrante e ativista marginal.

Todo esse trabalho, as produções, divulgações, o reconhecimento nacional e internacional, rendeu ao artista um convite da PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, para que escrevesse sobre Racismo, Pobreza e Violência, tendo como fonte de inspiração a própria história de vida e moradia, Capão Redondo, onde segundo ele “tudo acontece”. De acordo ainda com SANTOS XXXX, pg 08, foi lançado neste momento da vida de Ferréz, pela editora *Palavra* do grupo ASA de Portugal, o livro “*Capão Pecado*”, e pela editora *Al Aeph* da Espanha o “*Manual Prático do Ódio*”. Tal reconhecimento resultou em notícias nos periódicos *La Vanguardi Barcelona* e *Currier Internacional*. Ainda neste ano, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, o romance *Manual Prático do Ódio*, foi agraciado com o prêmio *Hutuz* e o prêmio *Cooperifa*, organizado por Sérgio Vaz.

No ano de 2006 recebeu da Assembleia Legislativa o prêmio Zumbi dos Palmares. A história em quadrinhos “*Os inimigos não mandam flores*”, o livro “*Amanhecer Esmerada*”, a coletânea de contos “*Ninguém é inocente em São Paulo*”- indicado em 2007 ao prêmio *Jabuti* e finalista do prêmio Portugal Telecon, foram todos lançados neste ano. Ainda segundo SOUSA XXXX, Em Osasco uma biblioteca reformada e reinaugurada recebeu o nome de Ferréz, evento este organizado por Rosi Ribeiro. Ainda em Capão Redondo houve uma inauguração da biblioteca Êxodos. Os anos de 2006 e 2007 também foram palco de importantes produções musicais do poeta, onde lançou 2 CDs e uma coletânea com o selo do 1DASUL Fonográfica. Também o DVD 100% Favela, composto por diferentes grupos como *Negredo* e *Talentos Aprisionados*.

E como não podia ser diferente com sua trajetória em ascensão, o nível nacional já não o mais comportava, o que fez com que o poeta rompesse os limites do país partindo para aventuras ainda maiores. Foi passar uma temporada em Berlin em 2007, onde realizou palestras em escolas de educação infantil. E não era mais só o cenário internacional literário que se interessava pelo artista, outros veículo de comunicação

também o fizeram. A TV cultura ofereceu um quadro no programa Manos e Minas, o “*Interferência*”, gravados no bar do seu Saldanha com a participação da comunidade em geral. A FOX TV o contratou para roteirizar a série policial SMM. Ainda participou do documentário ‘A ponte’ de Roberto T. de Oliveira e João Weiner. O ano seguinte foi marcado pela inauguração do estúdio 1DASUL, num sobrado de dois andares com salas ambiente para os grupos de rap e demais artistas da periferia. Já no ano de 2009 surge o Selo do Povo, um espaço criado por Ferréz, no mercado editorial para que seus livros tivessem os custos reduzidos e para que chegasse até o povo da periferia com mais facilidade e mais barato. Publicou então o livro *Cronista de um tempo ruim*, que foi vendido pessoalmente pelo poeta, de mão em mão. 2010 foi o ano em que Reginaldo saiu em turnê pelo país, lançando seu livro de crônicas, e também as produções dos seus parceiros futuros.

Ao lado de Dagmar Garroux, a tia Dag, Ferréz inaugurou os projetos Interferência e Periferia ativa, onde eram contadas histórias, haviam leituras, aulas de artesanato, música, pintura e ioga. Foi lançado neste mesmo período momento o DVD com o documentário “Literatura e Resistência”, onde apresenta a participação de artistas do Hip Hop e da Literatura Marginal, e também a trajetória do maior expoente da literatura e arte marginal, Reginaldo Ferreira da Silva o Ferréz.

TERRORISMO LITERÁRIO POR REGINALDO FERREIRA DA SILVA

Foi por meio da revista Caros Amigos, em edições especiais intituladas Literatura Marginal, que os escritores da periferia ganharam voz e vez. Em cada edição novos artistas poetas surgiam, com textos ricos, fortes e com grande aceitabilidade pela comunidade em geral. É uma revista feita por e para as pessoas que de certa forma foram postas à margem da sociedade, não só pela sua condição social, mas também por inúmeros fatores que contribuiriam para que eles vivessem desta maneira e nestes lugares. É uma literatura feita por minorias raciais e socioeconômicas, que está à margem dos grandes núcleos centrais literários canônicos, e dos que possuem maior poder aquisitivo.

Nesta revista são feitas diversas publicações, textos, periódicos, contos, poesias, entrevistas, artigos, músicas, etc. e dela nasceu o livro Literatura Marginal: talentos da escrita periférica de 2005. Neste livro encontra-se um texto intitulado *Terrorismo Literário*, escrito e publicado por Ferréz, e que de acordo com NETO 2013, p. 01

“...caracteriza-se pelo que poderia se chamar de “Manifesto da Literatura Marginal” se estabelecendo com um sentido de desvendamento e de protesto perante fatores que permeiam a vida social e literária. Essa identificação relacionase com os textos modernistas “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” (1924) e “Manifesto Antropófago” (1928), de Oswald de Andrade, destacando uma importância desse período da Literatura Brasileira na conquista de espaço no cenário artístico nacional pela Literatura Marginal.”

O escritor, no seu texto, apresenta escrito bem ao seu modo, um relato de como ele vê que a literatura marginal é tida. Com sua linguagem simples, com gírias características desta literatura, ele conta que agora os negros estão a reagir com a palavra, e se orgulha disso: “na moral agora a gente escreve” Ferréz (2005). Ele menciona o fato de que, quem havia inventado “o barato” (a literatura), não pensou em separar literatura “boa” feita por caneta de ouro ou a “ruim” feita à carvão, a regra era mostrar as caras. A intensão não é seguir padrões, de ascensão profissional, de não humilhar ninguém, de que independente de selo de aceitação ou não, tudo vai continuar. Ele frisa a importância de “virar a fita” dos direitos iguais, que na real não acontecem, e que vai continuar acontecendo, pois ainda são vistos com maus olhos na sociedade, pela sua cor e origem.

Ferréz afirma que se trata de uma literatura de rua com sentido, com um princípio, com um ideal, enaltecendo o fato de que para ele, são eles que fazem a cultura, e ainda enfatiza: “o mais louco é que não precisamos da sua legitimação.” Ferréz (2005). A negação vem do fato do que é falado nesta literatura. Que o significado desta, é a realização de um sonho conquistado à duras penas. “Uma coisa é certa, queimaram nossos documentos, mentiram sobre a nossa história, mataram os antepassados, mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que um dia a classe menos beneficiada com dinheiro fez arte”. Ferréz (2005).

De acordo com o escritor, a literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo, composto de minorias mas em seu todo um maioria, que tem muito a proteger e a mostrar o próprio vocabulário precioso. A luta é uma constante para que os autores do gueto também sejam lembrados e eternizados, mostrando as várias faces das canetas presente na favela. Os escritores desta literatura estão aí, cada vez são mais e melhores, lutando por seu espaço, pela sua literatura honrada e autêntica, que apresenta a todo momento novos talentos da escrita periférica, que saíram das ruas para o livro.

Em suas últimas considerações neste texto, Ferréz diz que a literatura marginal é uma literatura feita por minorias raciais ou socioeconômicas, feitas à margem dos núcleos

centrais do saber e da grande cultura nacional, e sua principal característica é a linguagem, o jeito como falam e contam a história, na “tentativa” de explicá-la. Hoje já são uma literatura maior, feita por majorias, numa linguagem maior, por terem raízes e as manterem. “Um dia o povo ia ter que se valorizar, então é nós, nas linhas da cultura, chegando de vagar, sem querer agredir ninguém, mas também não aceitando desaforo nem compactuando com a hipocrisia alheia”.

CONCLUSÃO

Ao final desta pesquisa pode-se compreender como a trajetória da Literatura Marginal aconteceu, e como ela surge no cenário literário canônico com forte influência e importância. A narrativa simples, popular e autêntica faz com que este seja um movimento importante para o país, pois faz-se conhecer uma das realidades mais comuns das grandes cidades, que é a vida na periferia, a vida marginal. Os artistas da arte e literatura marginal são então as próprias pessoas que ali vivem e se relacionam, escrevem suas vivências, e experiências, com o intuito de serem ouvidos, ou ao menos conhecidos pela sua produção. Ferréz é portanto o maior expoente do movimento marginal, apresentando ao mundo a cultura e a arte das pessoas que vivem à margem da sociedade, do universo literário oficial, e das possibilidades somente estão ao alcance daqueles que não vivem nesta situação. Possui uma escrita crítica e forte, expõe de maneira única seus anseios e reivindicações, representa em seus poemas, a vida e o cotidiano de quem sente na pele todas as dificuldades que só quem vive na marginalidade conhece. É uma produção artística rica e interessante, apresenta o outro lado da realidade, traz à tona questões de identidade pessoal e cultural, instiga reflexões, produz conhecimento, enriquece a cultura do país que já por natureza possui uma ampla e diversificada variedade de origens e culturas, que se hibridizam em um só território, construindo e desenvolvendo cultura e identidade próprias.

REFÊNCIAS

BATISTA, Chardie. **Um panorama da literatura marginal**. Publicado por Mandrake em 21 de julho de 2015 Artigos, LM, Notícias. Disponível em:

<http://www.rapnacional.com.br/um-panorama-da-literatura-marginal>. Acesso em 18 de ago. de 2016

NASCIMENTO, Erica Peçanha. **Vozes Marginais na Literatura**. São Paulo:

Aeroplano, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/Vozes-Marginais.pdf>. Acesso em 22 de ago. de 2016.

OLIVEIRA, Jane Pivetta de. **Literatura marginal**: questionamentos à teoria literária.

Re Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011. Disponível em:

<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf>. Acesso em 20 de ago. de 2016.

SANTOS, Maria Aparecida Costa dos. **Ferréz**: o rapper da literatura. UNIVONE.

Disponível em:

http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/11527.pdf. Acesso em 21 de ago. de 2016.

VOGLER, Bianca do Rocio; Prof. Dr. Miguel Sanches Neto. **O MANIFESTO DA**

LITERATURA MARGINAL: O texto “Terrorismo literário”, de Ferréz, e o poder de desvendamento do mundo e do movimento artístico da Literatura Periférica.. Disponível em: [file:///D:/Users/Tatiane%20Vaz/Downloads/5127-20720-1-PB%20\(2\).pdf](file:///D:/Users/Tatiane%20Vaz/Downloads/5127-20720-1-PB%20(2).pdf). Acesso em 19 de ago. de 2016.

VOLODKA, Caroline. **Você sabe o que é a literatura marginal?**. 2013. Disponível

em: <http://www.criticandoporai.com.br/2013/07/voce-sabe-o-que-e-literatura-marginal.html#>. Acesso em 22 de ago. de 2016